

TRABALHO E SOFRIMENTO PSÍQUICO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA BRASILEIRA SOBRE PSICODINÂMICA DO TRABALHO NO PERÍODO DE 2011 A 2020

Vinícius Santos de Lima Peixoto, Adalene; Torres Barreto Sales
Faculdade Adventista de Minas Gerais

RESUMO

A psicodinâmica do trabalho estuda as vivências e representações de prazer e sofrimento no trabalho sendo uma das abordagens mais utilizadas para as análises de saúde nos contextos organizacionais. Este estudo tem como objetivo principal identificar a produção científica brasileira em publicações na área da Psicodinâmica do Trabalho sobre o trabalho e sofrimento psíquico, bem como caracterizar os fatores desencadeadores de sofrimento psíquico no trabalho, identificar as vivências de sofrimento psíquico no trabalho e destacar as metodologias utilizadas para a apreensão do sofrimento psíquico. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura com quinze (15) estudos selecionados a partir dos seguintes descritores: trabalho, sofrimento psíquico e psicodinâmica do trabalho, os estudos incluídos foram levantados pelas bases de dados SciELO e PePSIC por meio da BVS-PSI, publicados entre 2011 a 2020. Os resultados encontrados apontam como principais fatores desencadeadores de sofrimento psíquico no trabalho a falta de reconhecimento, a carga de trabalho, a desvalorização, a falta de capacitação e rigidez organizacional. As vivências de sofrimento que mais se manifestaram foram ansiedade, estresse, sentimento de impotência, desgaste psíquico, tristeza e medo. Dez (10) dos quinze (15) estudos utilizaram a entrevista como técnica para apreensão do sofrimento; os demais estudos utilizaram outras técnicas que também levavam em consideração a fala do sujeito. Conclui-se que a Psicodinâmica do Trabalho oferece uma importante ferramenta para compreensão do sofrimento psíquico oriundo dos contextos organizacionais no Brasil. Além disso, constata-se que a organização do trabalho se destaca em relação às condições de trabalho como fator desencadeador do sofrimento psíquico.

Palavras-chave: Trabalho. Sofrimento psíquico. Psicodinâmica do trabalho.

INTRODUÇÃO

O sofrimento advindo dos contextos organizacionais é um dos temas urgentes da contemporaneidade, com o trabalho ocupando local de destaque na sociedade pós-moderna, pensar sobre o trabalho e os seus desdobramentos se faz necessário principalmente quando interfere de forma massiva na saúde dos trabalhadores.

O trabalho e o sofrimento são eixos centrais para a ciência organizacional denominada Psicodinâmica do Trabalho (PDT). A Psicodinâmica do Trabalho, desenvolvida pelo psicanalista, francês, Christopher Dejours, estuda as vivências e representações de prazer e sofrimento no trabalho, sendo um dos métodos de investigação mais utilizados nos contextos organizacionais. Segundo Karam (2012) o Brasil se destaca na produção científica sobre psicodinâmica do trabalho ficando apenas atrás da França, país de origem da abordagem.

A PDT possibilita ao contexto organizacional a leitura de vivências que levam em consideração a complexidade do homem, principalmente sua capacidade de elaborar o sofrimento. Sendo um campo de estudo relativamente novo, no entanto, tem contribuído significativamente com as organizações para compreensão do trabalho e suas repercussões.

Reunir estudos deste campo do saber no Brasil é possibilitar o avanço da saúde mental nos contextos organizacionais. Não obstante, a contribuição com profissionais da saúde mental no trabalho para fundamentação teórica e para nortear as práticas interventivas e por fim com o aporte para estudantes da área da psicologia organizacional expandirem seus conhecimentos acerca desta temática.

Neste sentido, objetivou-se com este estudo identificar a produção científica em publicações da área da PDT sobre o trabalho e sofrimento psíquico no Brasil. Assim como, caracterizar os fatores desencadeadores de sofrimento psíquico no trabalho, identificar as vivências de sofrimento psíquico no trabalho e destacar as metodologias utilizadas para a apreensão do sofrimento psíquico.

MARCO TEÓRICO

O TRABALHO

As definições de trabalho apontam para sua significação de ofício, aplicação de atividade física ou psíquica, fadiga, labuta, obra (FIGUEIREDO, 2010). Estes sinônimos trazem consigo a ideia de empreendimento do corpo para a execução de alguma atividade. As origens do termo indicam para castigo, humilhação, vergonha e infortúnio, revelando sua representação social, na antiguidade, para as culturas de onde derivam tais termos como *tripalium*-objeto de tortura designado aos escravos (CALGARO, 2012). No entanto, é somente com a modernidade que a ideia de trabalho ganha um novo *status* social, onde o termo ganha nova roupagem, do castigo para uma demanda social, pontuando uma nova forma de estar em sociedade onde agora o trabalho é uma condição para existência (SIQUEIRA, 2006).

Marx (2013), ao conceituar trabalho, o apresenta como uma atuação sobre a qual o ser humano aplica suas condições físicas para produzir subsídios para manutenção. Esta concepção de Marx destaca que houve uma quebra com o padrão de relações de trabalho,

que balizaram as relações produtivas até a modernidade, a saber os vínculos de ordem escravocrata ou feudal. Neste novo modelo capitalista, os trabalhadores não eram mais escravos, havia uma recompensa monetária (MARX, 2013).

Com o avanço do desenvolvimento dos modos de produção da nova sociedade, o trabalho adentra o campo da ciência para um ordenamento com a finalidade de produzir mais e melhor. De modo a sistematizar e organizar o trabalho, surge o Taylorismo, operacionalizando os processos de produção visando um melhor aproveitamento dos trabalhadores (TAYLOR, 1995). A partir desta sistematização, as regras e os afazeres do trabalho tornaram-se mais rígidos, e as cargas horárias se tornam, também, mais densas, bem como a gestão agressiva para assegurar a qualidade e a produção em massa (MERLO, 2007).

Um grande marco na história do trabalho, e também da cultura, foi o Fordismo, que se destaca com seu modelo de produção e inaugura um ponto significativo no desenvolvimento do capitalismo. Henry Ford desenvolve padrões que possibilitam ações repetitivas em massa resultando numa maior produtividade.

A criação de postos de trabalho, bem como os dispositivos elétricos, acelera os processos e, conseqüentemente, produz o esgotamento do trabalhador que não tem mais condições de regular sua produção, agora quem dita a produtividade são as máquinas. O fordismo, além de processos de produção, propõe um novo padrão de consumo, ampliando a necessidade dos trabalhadores de trabalhar para adquirir produtos comercializados pelas indústrias concebendo, assim, uma relação de dependência contínua, abrindo, deste modo, precedentes para o desenvolvimento de uma sociedade centrada no consumo e intimamente vinculada ao trabalho (DEJOURS, 1994; MERLO, 2007).

Sendo o trabalho uma condição para manutenção da vida, já implica um confronto entre o sujeito, possuidor de desejos, pulsões e vontade próprias, e o trabalho, marcado pelas normas estabelecidas que podem não considerar os aspectos relativos ao sujeito do trabalhador. Dejours e Abdoucheli (2013) relacionam a organização do trabalho com o funcionamento psíquico do homem resultando em uma fonte de tensões que levam ao sofrimento que podem vir a ser patológicos. Assim como Freud (2018) postula que a cultura exerce pressão ao funcionamento psíquico do sujeito, o trabalho sendo uma instituição da cultura também exerce pressão ao funcionamento psíquico, isto se deve às condições naturais do ser humano a saber suas pulsões, desejos e vontades que nem sempre coadunam com as exigências do trabalho, incidindo invariavelmente sobre a psique do trabalhador (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2013).

Para além da condição única de tensão, o trabalho viabiliza o estar no mundo, com seu corpo. Corpo que está em constante conflito. Freud (2018), no texto *Mal-estar na Civilização*, argumenta que os infortúnios vividos pelos homens se dão, em primeira instância, pela sua

própria constituição enquanto ser humano natural com suas pulsões e desejos; em seguida, pelo mundo externo ao qual o ser humano, ainda que tente, não possui controle; e, por último, pelas relações sociais que, segundo o autor, é a causa de maior sofrimento humano. Neste sentido, é possível associar o mal-estar também ao trabalho dado ao fato que é uma relação também social. Dejours (2007, p. 17) acrescenta: “[...] o sofrimento está sempre rondando o trabalho”. O trabalho traz consigo algo na ordem do sofrimento que como já destacado exerce influência sobre o ser humano, que possui expectativas e representações internas sobre o trabalho distintas do trabalho exercido cotidianamente. O serviço ainda que se afastando das concepções negativas e se reorganizando no desejo e laços sociais, está intrinsecamente associado a uma relação de infortúnios que circundam o trabalho, em uma dinâmica entre sofrimento e prazer (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2013).

PSICODINÂMICA DO TRABALHO

A PDT surge a partir de pesquisas e casos clínicos do psicanalista francês Christophe Dejours e demarcado pela publicação do livro “A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho”. Neste livro ele propõe uma base sólida para intervenções nas organizações considerando a complexidade da relação do homem com seu ofício, que virá a ser a psicodinâmica do trabalho (SILVA, 2013). O autor faz uma retrospectiva do trabalho na história humana apontando suas características patologizantes bem como as características não patologizantes – provedoras de prazer ou bem-estar. Nesta discussão, ele se apoia em outros campos o saber, tais como; sociologia, ergonomia e especialmente a psicanálise.

A adesão da teoria psicanalítica como base para compreensão do que é o ser humano possibilita a psicodinâmica do trabalho investigar os processos psíquicos inconscientes ou conscientes dos sujeitos, mesmo não apresentando alguma categoria de desordem mental e também por sua reverência a radical singularidade do sujeito, bem como suas formas de reagir às pressões externas e internas (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2013).

Para além do pragmatismo do exercício do trabalho, com a psicodinâmica, torna-se possível uma leitura do contexto organizacional que considera a relação entre o mundo interno e externo. Esta nova ciência se distingue das abordagens causalistas que acabam por excluírem a interioridade humana bem como suas representações frente aos contextos do cotidiano. Este novo homem advindo deste novo contexto traz consigo as marcas da sociedade, Lacan (1998) adverte aos psicanalistas que se atentem para a “subjetividade de sua época”, demarcando que as formas de vida em sociedade interferem na subjetividade, sendo assim as transformações dos modos de trabalho implicam em novos sujeitos. Estes que sofrem invariavelmente nestas relações de trabalho.

Dejours (2013) questiona se a psicanálise tem algo específico a dizer sobre o trabalho e o mesmo acredita que não, entretanto, ela pode levar a uma questão que o autor apresenta da seguinte forma “No trabalho contemporâneo, qual é o lugar do Desejo, e qual é o lugar do Sujeito?” (p. 39). Esta provocação de Dejours é extremamente relevante, pois uma contemporaneidade marcada pelo excesso do “como fazer, como ser” inviabiliza espaço para o desejo no ambiente de trabalho. As formas do “como fazer” envelopadas de liberdade levam o sujeito a repressão de seus desejos, tornando um sujeito alienado aos seus desejos e servindo ao desejo do Outro, resultando em possível angústia.

A psicanálise viabiliza uma escuta do discurso e dá voz aos trabalhadores nos contextos organizacionais. Dejours e Abdoucheli (2013) pontuam que o sofrimento e o prazer são de ordem do privado do sujeito, mas que a partir de uma vivência coletiva dos sofrimentos os sujeitos conseguem produzir sentido e descortinar as fontes de prazer e sofrimento, deste modo, desenvolvem estratégias coletivas de enfrentamento. Vilela (2001) nomeia esta busca de significações de exorcismo da dor, em vínculo com os pares encontra significações e sentido trazendo ao trabalhador um lugar digno para estar que só é possível pelo laço da dor em trocas coletivas.

SOFRIMENTO PSÍQUICO

Segundo Dejours (2013) quando transformações da organização do trabalho não são possíveis e há entraves nas relações de trabalho começa o sofrimento. Na concepção da psicodinâmica do trabalho, o sofrimento psíquico é a tensão que vagueia entre o bem-estar e o mal-estar. O autor explica o sofrimento como: “a energia pulsional que não acha descarga no exercício do trabalho se acumula no aparelho psíquico, ocasionando um sentimento de desprazer e tensão”, esta tensão e desprazer segundo a teoria escoam para o corpo resultando em somatizações, que segundo o autor “testemunham” do sofrimento (DEJOURS, 2013).

Quando o trabalhador se enquadra no trabalho, leva consigo suas formas próprias de lidar com o sofrimento e, no embate com o trabalho, estes mecanismos são acionados para neutralizar ou minimizar o sofrimento. Dejours e Abdoucheli (2013) salientam que entre as pressões do trabalho e o adoecimento, propriamente dito, existe o sujeito com condições singulares de interpretar as situações, reagir e se defender. Estas reações do sujeito não o deixam como objeto passivo no ambiente de trabalho, mas como um ativo dinâmico.

As vivências de prazer e sofrimento ocupam centralidade na PDT, ainda que estas experiências ocorram de modo subjetivo (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2013). Prazer e sofrimento manifestam-se na medida em que o sujeito entra em contato com os construtos do trabalho sendo eles: organização do trabalho, condições do trabalho e relações interpessoais.

A PDT distingue entre a organização do trabalho e as condições de trabalho. A organização do trabalho é o que opera no campo da atividade mental, ou seja, a divisão do trabalho é o modo de atividade prescrito, e a divisão das pessoas é caracterizada por aspectos hierárquicos. As condições de trabalho, por outro lado, são direcionadas ao corpo do trabalhador e são caracterizadas por tensões que provocam desgastes corporais (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2013).

O sofrimento na perspectiva do autor francês é intermediário entre o mal-estar e o bem-estar, sendo o primeiro aquele onde se esgotam as possibilidades do trabalhador de alterar este estado na produção de trabalho, em contrapartida, o bem-estar é representado pela e ressonância simbólica como um sofrimento criativo onde possibilita a utilização das tensões internas em prol do trabalho ressignificando o infortúnio como uma vivência positiva (BARBOSA; BUENO, 2014). Neste sentido, o trabalho não é apenas um desencadeador de sofrimento, mas também provedor de prazer se houver um alinhamento entre os desejos internos e o exercício do trabalho (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2013).

Estratégias defensivas surgiram como forma de lidar com as angústias laborais, caracterizadas pela coletividade, construídas, organizadas e administradas coletivamente, visando uma alteração da realidade que os faz sofrer (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2013). Os autores acrescentam ainda que o que distingue os mecanismos de defesa individuais das estratégias coletivas é que os mecanismos de defesa são internos, enquanto as estratégias coletivas são estratégias de concordância grupal. Os autores franceses mostram que em alguns casos a estratégia defensiva é tão importante para os sujeitos que realizam um esforço para não a desestabilizar. No caso psicótico, a estratégia coletiva pode contribuir para a vinculação do sujeito com a realidade (DEJOURS; ABDOUCHELI, 2013).

As estratégias coletivas criam novas realidades internalizadas pelos sujeitos, mas que se evidenciam no cotidiano das organizações, sendo a realidade o que é percebido coletivamente, psicóticos engendrados nas estratégias coletivas encontram suporte para a manutenção de seu vínculo com a realidade sendo estas fundamentais para o bem-estar destes sujeitos.

Para que o trabalho tenha uma significação positiva para os sujeitos, Dejours apresenta o conceito de ressonância simbólica se apoia no conceito de sublimação da psicanálise. Segundo Freud, sublimação é o mecanismo de defesa que consiste na canalização das pulsões para atividades socialmente aceitas como artes, ciência e trabalho (2018). Para que ocorra uma ressonância simbólica no trabalho, Dejours (2013) aponta que é necessário que haja uma correspondência entre o “teatro real do trabalho” e o teatro interno dos “fantasmas” da subjetividade e também da história de vida, resultando em um sentido para o trabalho, caso o trabalhador não consiga encontrar um ponto para criação de sentido o sofrimento no trabalho passa a escorrer para o sofrimento patológico.

Ademais, condições se fazem necessárias para que a sublimação ocorra no campo do trabalho: condições psíquicas - concernentes a epistemofilia¹ do sujeito relacionado ao trabalho; condições ontogenéticas - que trazem as experiências dos objetos transicionais e um ambiente de ludicidade, onde cada sujeito tem possibilidade de abdicar, em parte, do seu prazer sexual para atividade de valor social; condições organizacionais - um serviço que permita a responsabilidade, mas também a criação, uma correlação entre o trabalho e a representação interna do indivíduo sobre esta função; condição ética - onde há o reconhecimento hierárquico por parte dos líderes da organização que apontam para a utilidade da tarefa e o reconhecimento dos colegas que denota o estado de talento pessoal e beleza, o reconhecimento entre pares este último revela mais importante para o processo, pois contribui para a constituição da identidade do sujeito (MERLO, 2002).

As condições do processo sublimatório nas organizações perpassam o desejo do sujeito é necessário que haja uma certa liberdade no contexto do trabalho para que algo possa ser feito, Dejours (2013) destaca que quando o sujeito está nos níveis hierárquicos mais elevados da organização ele possui mais liberdade de expressão frente às demandas do trabalho, sendo assim, aqueles sujeitos que estão nos níveis hierárquicos mais baixos não possuem tantas possibilidades de expressão para sublimar.

Os autores da PDT descrevem que a relação entre prazer e sofrimento estão mescladas no contexto organizacional e que essa dialética se manifesta na diferença entre o trabalho prescrito e a condição de realização das operações prescritas que comandam o trabalho - e o trabalho real. foge das prescrições do trabalho marcadas pela imprevisibilidade e denota que as condicionantes que envolvem o trabalho não o cumprem plenamente, apontando falhas no estabelecimento das regras (DEJOURS e ABDOUCHELI, 1994; FERREIRA, 2013). (DEJOURS e ABDOUCHELI, 1994; FERREIRA, 2013). Dejours (1997) salienta a diferença entre trabalho real e real do trabalho: “a grande diferença teórica entre ‘realidade da atividade’ (a que é visada pela expressão atividade real ou trabalho real) e ‘real do trabalho’, isto é, os limites do saber, do conhecimento e da concepção, com os quais se chocam os atos técnicos e as atividades de trabalho” (p. 43).

Estas demarcações teóricas são importantes, sobretudo, ao mundo das organizações, pois, influenciadas historicamente pelas concepções que objetivavam a produtividade impecável, não levavam em consideração tais aspectos, somando-se a isto a psicopatologia do trabalho orientada pelas noções de causa e efeito comportamentalistas também não colaboraram para tais distinções. Não obstante, Dejours (2012 apud. FERREIRA, 2013) formula que, para além das pressões do contexto do trabalho, o operário também sofre pelo atravessamento do

¹ Termo preconizado por Melaine Klain em referência ao termo freudiano de pulsão de saber ou de investigação, no sentido da curiosidade infantil (TOUR, 2012).

próprio real do seu inconsciente, aquele preconizado pela psicanálise lacaniana, que apresenta o real do corpo sendo o sintoma, sintoma este que se reconfigura em resposta aos contextos sociais, Santaella (2008) explica: “o sintoma é o que se insurge contra a exigência civilizatória do recalque, é a expressão da rebeldia do sujeito diante das exigências da civilização”. Lacan (1975) ao formular o conceito de real o apresenta como o que há de mais natural da realidade humana, sendo o sintoma uma expressão deste real, não cabendo interpretação ou significação.

METODOLOGIA

Para que tais objetivos fossem alcançados optou-se por uma revisão integrativa da literatura, a fim de reunir e analisar o conhecimento já pesquisado (BOTELHO, CUNHA e MACEDO, 2011). A natureza do estudo é qualitativa. Sendo uma pesquisa bibliográfica do tipo descritiva.

O estudo é norteado pela questão: Qual a produção científica em publicações da área da Psicodinâmica do Trabalho sobre o trabalho sofrimento psíquico no Brasil de 2011 a 2020?

A questão tem como referência a produção teórica já organizada e categorizada nos estudos de Mendes; Morrone (2010) que reuniram e ampliaram os estudos da PDT no Brasil. Embora os autores desenvolvam novas pesquisas na área torna-se relevante uma atualização dos caminhos que a psicodinâmica do trabalho tem percorrido no Brasil.

A coleta de dados foi realizada a partir do mês de março de 2021. Os estudos incluídos nesta revisão foram levantados nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) por meio da Biblioteca Virtual de Saúde – Psicologia (BVS-PSI), a partir dos seguintes descritores: “trabalho”, “sofrimento psíquico”, “psicodinâmica do trabalho”.

Para eleição dos artigos os critérios de inclusão foram: estudos qualitativos, acesso ao material na íntegra, artigos que possuem resumo, artigos em português, período de publicação 2011 a 2020, local de publicação sendo brasileiros e os estudos deveriam ter uma perspectiva de análise da psicodinâmica do trabalho.

Foi adotado como critério de exclusão todos os artigos que não correspondem aos critérios de inclusão bem como artigos publicados em mais de uma base dados. Também serão excluídos trabalhos de revisão de literatura, dissertações e teses. Os estudos qualitativos foram escolhidos em detrimento dos quantitativos pois apresentam as representações dos sujeitos frente aos desafios laborais.

A fim de contribuir com a clínica do trabalho neste estudo optou-se apenas por estudos qualitativos que levassem em consideração as impressões de sofrimento dos trabalhadores de

modo que estes pudessem ser escutados em seu ambiente de trabalho, sendo assim o presente estudo destaca em relevo os fatores desencadeadores de sofrimento e as vivências que foram elaborados por meio da fala.

Por fim, o trabalho está organizado da seguinte forma: uma seção de introdução para contextualizar o tema, seguida de um referencial teórico, uma seção apresenta a metodologia utilizada no estudo, outra apresenta os resultados, seguida da discussão e outra seção para as conclusões e por fim as referências utilizadas.

RESULTADOS

No presente estudo de revisão integrativa foram localizados sessenta e oito (68) estudos e a partir dos critérios de inclusão previamente estabelecidos foram selecionados para análise quinze (15) artigos. Os trabalhos se caracterizam por serem trabalhos de conclusão de curso ou desdobramentos de dissertações e teses.

Com o objetivo de ordenar os artigos, cada um recebeu um número/código para representar cada trabalho ao longo da apresentação dos dados como exposto no Quadro 1, bem como artigos, fatores desencadeadores e vivências de sofrimento.

Quadro I- Identificação dos artigos, fatores desencadeadores de sofrimento e vivências de sofrimento.

Nº	Artigo	Fatores desencadeadores	Vivências de sofrimento
1	MATTOS, Cristiane Brum Marques de; SCHLINDWEIN, Vanderléia de Lurdes Dal Castel. " EXCELÊNCIA E PRODUTIVIDADE ": NOVOS IMPERATIVOS DE GESTÃO NO SERVIÇO PÚBLICO. <i>Psicologia & Sociedade</i> , v. 27, p. 322-331, 2015.	Falta de reconhecimento e limitação da autonomia	LER/DORT, depressão e ansiedade
2	LEÃO, Marluce Auxiliadora Borges Glaus; SILVA, Ludimila Santos. Vivências de trabalhadores com deficiência: uma análise à luz da Psicodinâmica do Trabalho. <i>Revista Brasileira de Saúde Ocupacional</i> , v. 37, p. 159-169, 2012.	Falta de reconhecimento no trabalho, preconceito	O desgaste físico e/psíquico, medo, desproteção, monotonia e constrangimentos
3	ROSA, Alcindo José; BONFANTI, Ana Letícia; CARVALHO, Cíntia de Sousa. O	Perda das especificidades da profissão, insalubridade das condições e relações de trabalho.	Frustração, desgaste emocional, sentimento de

	sofrimento psíquico de agentes comunitários de saúde e suas relações com o trabalho. Saúde e Sociedade , v. 21, p. 141-152, 2012.	Capacitação profissional. Desvalorização profissional. Não reconhecimento profissional.	impotência e descontentamento, estresse.
4	RIBEIRO, Sandra Fogaça Rosa; MARTINS, Sueli Terezinha Ferreira. Sofrimento psíquico do trabalhador da saúde da família na organização do trabalho. Psicologia em Estudo , v. 16, p. 241-250, 2011.	Conflito na equipe, falta de rede de apoio, acúmulo de atividades, atribuição dos problemas do usuário a si mesmo, desvalorização profissional, sobrecarga de trabalho.	Desânimo, angústia, impotência.
5	GOMES, Luciana et al. Competências, sofrimento e construção de sentido na atividade de auxiliares de enfermagem em UTIN. Trabalho, educação e saúde , v. 9, p. 137-156, 2011.	Contato com o sofrimento dos bebês e familiares. Falta de reconhecimento	Sentimento de apatia
6	BERNARDO, Marcia Hespagnol. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. Psicologia & Sociedade , v. 26, p. 129-139, 2014.	Carga de trabalho, precariedade subjetiva e mercantilismo acadêmico.	Desgaste mental
7	BEZERRA, Claudia de Magalhães; MINAYO, Maria Cecília de Souza; CONSTANTINO, Patrícia. Estresse ocupacional em mulheres policiais. Ciência & Saúde Coletiva , v. 18, p. 657-666, 2013.	Discriminação de gênero e assédio são percebidos como importantes fatores estressantes.	Estresse no trabalho
8	MORAES, Mayara Cristina Muniz Bastos et al. Saúde mental de cuidadores de abrigos para adolescentes com transtornos psiquiátricos ou neurológicos. Trabalho, Educação e Saúde , v. 10, p. 507-525, 2012.	A presença ou a falta de capacitação para o manejo com os estudantes.	Angústia, ansiedade, tristeza, pena, impaciência, frustração, raiva e impotência.
9	CASTRO, Rebeca Eugênia Fernandes de; SOUZA, Maria Abigail de. Efeitos da agressividade infantil para o sofrimento psíquico de professores em diferentes momentos de carreira. Estudos de Psicologia (Natal) , v. 17, p. 265-274, 2012.	Brigas com agressões físicas entre alunos e perturbação do ambiente, ou seja, o tumulto causado pela agitação de algumas crianças. Vivência contínua de reiterados confrontos, desvalorização, falta de reconhecimento.	Dolorosa sensação de invisibilidade, tristeza, desânimo, solidão, abatimento, irritação, cansaço, mágoa e desesperança, indignação, impaciência,.

10	ZILIOFFO, Denise Macedo; DE OLIVEIRA, Bianca Oliveira. A organização do trabalho em call centers: Implicações na saúde mental dos operadores. Revista Psicologia: Organizações e Trabalho , v. 14, n. 2, 2014.	Pressão, rígida hierarquia, baixas possibilidades de crescimento e cobrança por produtividade.	Estresse, lesões por esforços repetitivos (LERs) e os distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho (DORT).
11	MONTEIRO, Janine Kieling. Sofrimento psíquico de trabalhadores de unidade de terapia intensiva. Revista Psicologia Organizações e Trabalho , v. 12, n. 2, p. 245-250, 2012.	Pouco reconhecimento no trabalho; intensificação do trabalho que gera sobrecarga, crise ética entre seus valores e questões profissionais; rigidez institucional; sofrimento pela morte de pacientes.	fadiga, tensão, irritabilidade e ansiedade, dor, tristeza, impotência e comoção.
12	RIBEIRO, Sandra Fogaça Rosa. Intervenção em uma escola estadual de ensino fundamental: ênfase na saúde mental do professor. Revista Subjetividades , v. 12, n. 3-4, p. 905-924, 2012.	Jornadas duplas e até triplas de trabalho, e a correria, ocasionando dificuldades na interação com o aluno e entre os professores, caracterizando uma desvalorização do trabalho docente, desinteresse dos pais pela educação dos filhos.	Insatisfação salarial, medo, ansiedade, insegurança.
13	COUTINHO, Maria Chalfin; DAL MAGRO, Márcia Luiza Pit; BUDDE, Cristiane. Entre o prazer eo sofrimento: um estudo sobre os sentidos do trabalho para professores universitários. Psicologia: teoria e prática , v. 13, n. 2, p. 154-167, 2011.	Elevada carga de trabalho, pressão para produção científica, instabilidade contratual, contratação de docentes por motivos pessoais e não por qualificação profissional, diminuição da autonomia e a perda dos espaços públicos de fala,	Exaustão física e mental, insegurança.
14	DE OLIVEIRA, Juliana Nunes; MENDES, Ana Magnólia. Sofrimento psíquico e estratégias defensivas utilizadas por desempregados: contribuições da psicodinâmica do trabalho. Temas em Psicologia , v. 22, n. 2, p. 389-399, 2014.	Desvalorização, ausência de rotina, inutilidade e improdutividade.	Dor de cabeça, insônia, estresse, ansiedade, problemas com alimentação.
15	RUMIN C, Barros GIF, Cardozo WR, Cavalheiro R, Atelli R. O sofrimento Psíquico no trabalho de vigilância em prisões. Psicol Ciênc Prof 2011; 31(1):188-199	Insegurança do ambiente de trabalho, a violência no ambiente de trabalho	Perturbações do sono, medo, esvaziamento do sentido do trabalho, sensação de enclausuramento.

Fonte: elaborado pelos autores.

A maior incidência de fatores desencadeadores foram: reconhecimento, carga de trabalho, desvalorização, capacitação e rigidez organizacional como exposto no Quadro II.

Quadro II-Presença dos Desencadeador de sofrimento em seu respectivo artigo

Reconhecimento	Carga de trabalho	Desvalorização	Capacitação	Rigidez
01	04	03	03	10
02	06	04	08	11
03	11	12		
05	12	14		
09	13	09		
11				

Fonte: elaborado pelos autores.

Posteriormente a apreciação dos artigos pesquisados, evidenciou-se que os fatores desencadeadores de sofrimento nos trabalhadores estavam relacionados a organização do trabalho e apenas em três (03) trabalhos verificou-se fatores que relacionam-se com as condições de trabalho a saber: (15) Violência no ambiente de trabalho, (01) Limitação autonomia e (03) Condições insalubres.

As vivências de sofrimento que mais se destacaram nos trabalhos foram: ansiedade, estresse, sentimento de impotência, desgaste psíquico, medo e tristeza. No Quadro III encontram-se os fatores e o número que corresponde a cada trabalho onde as vivências ocorreram.

Quadro III-Vivências de sofrimento de sofrimento em seu respectivo artigo

Ansiedade	Estresse	Sentimento de impotência	Desgaste Psíquico	Medo	Tristeza
01	03	03	02	02	08
08	07	04	03	12	09
11	10	08	06	15	11
12	14	11	13		
14					

Fonte: elaborado pelos autores.

Os dados sobre as metodologias de pesquisa para apreensão do sofrimento psíquico dos trabalhadores destacam-se pelo uso da entrevista como principal ferramenta na busca da compreensão do mal-estar no trabalho. Em síntese, pode-se destacar a adoção de técnicas que

oportunizem a fala aos sujeitos, destacando-se assim as impressões reais dos sujeitos sobre os fenômenos de sofrimento no trabalho assegurando assim um espaço de escuta e elaboração contribuindo com a clínica do trabalho. No quadro IV apresenta as metodologias utilizadas para a apreensão do sofrimento nos trabalhos analisados a seguir.

Quadro IV-Incidência da Técnica utilizada para apreensão do sofrimento

Entrevista	Observação Participante	Grupo focal/grupo de conversa	Estudo de caso	Espaço de acolhimento (Psicoterapia Breve)
01	04	03	10	15
02	07	05		
03	08	07		
04	12			
06				
07				
09				
11				
13				
14				

Fonte: elaborado pelos autores.

DISCUSSÃO

Se na era industrial as condições de trabalho eram os maiores indicadores de sofrimento e adoecimento no trabalho na contemporaneidade onde destaca-se como a era da informação, tecnologia e desenvolvimento é a organização do trabalho que vai incidir sobre os trabalhadores. Dejours; Abdoucheli; Jayet defendem que condições de trabalho e a organização do trabalho são responsáveis pela criação do mal-estar dos trabalhadores no momento de sua inserção no ambiente laboral (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 2013).

A organização do trabalho segundo Dejours (2013) tem como alvo o psiquismo dos trabalhadores e como evidencia-se nos resultados os desencadeadores de sofrimento estão inseridos nas categorias de divisão do trabalho e divisão de homens. A partir disto pode-se compreender que os fatores relacionados as descrições prescritas dos postos de trabalho bem como as relações que advém destes postos concentram os desencadeamentos do sofrimento dos trabalhadores pesquisados.

Os estudos também indicam os grupos pesquisados, o que deixa evidente que estes não se referem a trabalhadores braçais, aqueles que vendem sua força de trabalho. No entanto, ainda que estes trabalhadores não realizem atividades que envolvam força física ou que estão expostos a condições de trabalhos insalubres em sua maioria, todos estes trabalhadores têm seus corpos afetados em alguma medida pelas condições de seus respectivos trabalhos. Outro fator que se destaca são as profissões estudadas a grande maioria são de profissões onde os profissionais possuem o ensino superior como base para sua execução o que pode revelar os fatores que desencadearam tais sofrimentos pela não exposição a contextos insalutíferos de trabalho.

O reconhecimento como um dos fatores de maior desencadeamento de sofrimento aponta para a necessidade das organizações manejarem os sujeitos em suas organizações, uma vez que o reconhecimento confere identidade e pertencimento ao sujeito sua ausência causa mal-estar pois deflagra questões profundas do fundo do sujeito gerando o sofrimento psíquico, a validação de sua função dentro da organização pelos pares e pelos superiores estrutura o sujeito conferindo prazer no trabalho e principalmente posição de sujeito (GERNET, 2012).

A sobrecarga de trabalho aparece como o segundo maior motivador de sofrimento e pode-se perceber que dos 5 trabalhos em que a sobrecarga e acúmulo de atividades aparecem 4 destes são de professores. Existe uma vasta literatura abordando o tema do sofrimento docente, no entanto, parece que as intervenções na organização do trabalho bem como das condições do trabalho se mostram incipientes para que haja um real avanço em termos de saúde e qualidade de vida docente. O outro grupo de profissionais que apresentou a sobrecarga de trabalho foram profissionais da área da saúde de uma unidade de terapia intensiva. O trabalho excessivo com as duplas ou triplas jornadas de trabalho, como é o caso de professores e

profissionais da saúde, ocupam posições significativas nos grupos de trabalhadores com sofrimento psíquicos patológicos (FLEURY e MACÊDO, 2012; AMARAL e BORGES, 2017; DARINE et.al, 2018; PENA e ROMOALDO, 2019; OLIVEIRA et. al, 2020).

Outros fatores como desvalorização, rigidez organizacional e capacitação ou sua ausência revelam organizações onde não há possibilidade de mobilização subjetiva nas realizações organizacionais. Forbes (2012, p. 128) acrescenta: “O sonho do final do século XX, de estabelecer protocolos às diversas funções, até mesmo diretores ou o presidente de uma empresa, teve por resultado transformá-los em genéricos”, não há espaço para singularidades ainda que em discurso isto esteja presente, mas na prática o que se percebe é uma massificação balizadora para ser e sentir dentro das organizações. Na pós-modernidade, não há espaço para o sofrimento, sobretudo nas organizações. Este cenário enquadrado no ambiente de trabalho foge às concepções de ressonância simbólica onde há liberdade de criação no ambiente de trabalho.

As vivências de sofrimento apontam para necessidade emergente de programas e intervenções de saúde mental para os trabalhadores, estas vivências apresentam sintomas que não necessariamente conferem diagnóstico, mas se ações interventivas não forem desenvolvidas há uma grande probabilidade que estes quadros se intensifiquem chegando a uma patologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, o sofrimento psíquico e o trabalho estão entrelaçados numa dinâmica indissociável, contudo, é necessário buscar compreender os desdobramentos dos afazeres laborais sobre o sujeito trabalhador. Neste sentido, a PDT contribui para uma leitura de homem e sua inserção no mundo organizacional e suas consequências visando colaborar com a sanidade dos trabalhadores.

A busca pela literatura brasileira sobre o trabalho e sofrimento psíquico com uma leitura da psicodinâmica do trabalho permitiu uma breve compreensão das dinâmicas envolvidas na organização do trabalho e das condições do trabalho no Brasil.

Os resultados encontrados apontam como principais fatores desencadeadores de sofrimento psíquico no trabalho a falta de reconhecimento, a carga de trabalho, a desvalorização, a falta de capacitação e rigidez organizacional. As vivências de sofrimento que mais se manifestaram foram ansiedade, estresse, sentimento de impotência, desgaste psíquico, tristeza e medo. Dez (10) dos quinze (15) estudos utilizaram a entrevista como técnica para apreensão do sofrimento; os demais estudos utilizaram outras técnicas que também levavam em consideração a fala do sujeito.

A partir dos resultados, propõem-se estudos que apresentem as vivências de prazer no trabalho bem como as estratégias defensivas utilizadas pelos trabalhadores, os artigos pesquisados em sua maioria não continham tais informações focalizando o sofrimento.

Conclui-se que a Psicodinâmica do Trabalho oferece uma importante ferramenta para compreensão do sofrimento psíquico oriundo dos contextos organizacionais no Brasil. Além disso, constata-se que a organização do trabalho se destaca em relação às condições de trabalho como fator desencadeador do sofrimento psíquico.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Grazielle Alves; BORGES, Amanda Leal; DE MELO JUIZ, Ana Paula. Organização do trabalho, prazer e sofrimento de docentes públicos federais. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 20, n. 1, p. 15-28, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/149092>. Acesso em: 11 maio 2021.

BARBOSA MACEDO, Katia; BUENO, Marcos. A sublimação: a lente da psicanálise e da psicodinâmica do trabalho. **Fepal**. 2014. p. 7-7. Disponível em: <http://www.fepal.org/wp-content/uploads/0496.pdf>. Acesso em: 09 maio 2021.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; · CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; · MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. *Gestão e Sociedade*. · Belo

Horizonte, v.5, n. 11, p. 121-136 · maio-ago. 2011 · ISSN 1980-5756. Disponível em: <<http://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1220/906>>. Acesso em: 25 maio 2021.

CALGARO, José Cláudio Caldas. **Ensaio sobre os efeitos perversos do gerencialismo no sofrimento do trabalhador**: contribuições da sociologia clínica e teoria crítica. MENDES,

AM; MERLO, Á. RC; MORRONE, CF; FACAS, EP (Org.). *Psicodinâmica e Clínica do Trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros*. Curitiba: Juruá, p. 179-192, 2013.

D. C. OLIVEIRA, Alessandro Fábio et al. Sofrimento psíquico e a psicodinâmica no ambiente de trabalho do enfermeiro: revisão integrativa. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 19, n. 1, 2020. Disponível em:

<https://www.proquest.com/openview/3a8c0174c8a1486f84f27001f3101439/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2030048>. Acesso em: 09 maio 2021.

DARINE MARIE, Rodrigues da Silva et al. Recursos organizacionais como fator de sofrimento psíquico do enfermeiro à luz da Psicodinâmica do Trabalho. In: **XVI Coloquio Panamericano de Investigación en Enfermería**. 2018. Disponível em:

<http://www.coloquioenfermeria2018.sld.cu/index.php/coloquio/2018/paper/viewPaper/717>. Acesso em: 01 maio de 2021.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5ª ed. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/ne00n05>. Acesso em: 12 abr. de 2021.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola Dejoursiana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2013.

DEJOURS, C. A carga psíquica do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola Dejoursiana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2013 p. 21-31.

_____. ABDOUCHELI, Elisabeth. Desejo ou motivação? A interrogação psicanalítica do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola Dejoursiana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2013 p. 33-43.

_____. ABDOUCHELI, Elisabeth. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In:

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola Dejoursiana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2013 p. 119-145;

_____. **O fator humano**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

FERREIRA, João Batista. Real do trabalho. F. d. Vieira, AM Mendes, e ÁR Merlo, **Dicionário crítico de gestão psicodinâmica do trabalho**, p. 343-350, 2013.

FIGUEIREDO, Candido de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Porto: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 2010. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/files/31552/31552-pdf.pdf>. Acesso em 01 maio de 2021.

FLEURY, Alessandra Ramos Demito; MACÊDO, Kátia Barbosa. O mal estar docente para além da modernidade: uma análise psicodinâmica. **Amazônica**, v. 9, n. 2, p. 217-238, 2012. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4047171>. Acesso em: 01 de maio de 2021.

FORBES, Jorge. **Inconsciente e responsabilidade**: psicanálise do século XXI. Barueri: Manole, 2012.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão e O mal-estar na cultura**. Trad. Renato Zwickau. Porto Alegre: L&PM, 2018.

GERNET, Isabelle. Psicodinâmica do Reconhecimento. In. MENDES, Ana Magnólia et al. **Psicodinâmica e clínica do trabalho**: temas, interfaces e casos brasileiros. Curitiba: Juruá, 2012.

KARAM, Eliete. **Desafio para a psicodinâmica do trabalho no Brasil**: um ponto de vitais:

MENDES, AM; MERLO, Á. RC; MORRONE, CF; FACAS, EP (Org.). **Psicodinâmica e Clínica do Trabalho**: temas, interfaces e casos brasileiros. Curitiba: Juruá, p. 53-60, 2013.

LACAN, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan. **Escritos**. (pp. 238-324). São Paulo: Perspectiva. Disponível em: [http://www.mediafire.com/file/7o7lapagry2pm81/LACAN%252C Jacques. Escritpdf/file#os](http://www.mediafire.com/file/7o7lapagry2pm81/LACAN%252C+Jacques.+Escritpdf/file#os). Acesso em: 16 abr. de 2021.

LACAN, J. **O seminário**. Livro 23. O sintoma. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 157-165(original de 1975-76). Disponível em: <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Jacques-Lacan-O-seminario-Livro-23-O-sinthoma.pdf>. Acesso em: 11 de maio de 2021.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother. Uma leitura psicanalítica sobre o sofrimento na pós-modernidade. In: GUARECHI, P.A. **Psicologia em Questão: reflexões sobre a contemporaneidade**, p. 163-175, 2003. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=HiLUkoHx42MC&oi=fnd&pg=PA163&dq=psican%C3%A1lise+p%C3%B3s+modernidade+&ots=SqmA2xgFgE&sig=4WJytJzCIMdx6ZJqPRY0AjrDE-Y&redir_esc=y#v=onepage&q=psican%C3%A1lise%20p%C3%B3s%20modernidade&f=false. Acesso em: 01 de jun. de 2021.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da Economia Política. Livro 1. São Paulo: Boi tempo, 2013. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/xnev80>. Acesso em: 11 maio de 2021.

MENDES, A. M. **Psicodinâmica do trabalho**: teoria, método e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2007.

MENDES, Ana Magnólia et al. **Psicodinâmica e clínica do trabalho**: temas, interfaces e casos brasileiros. Curitiba: Juruá, 2012.

MERLO, Á. R. C. & Lápiz, N. L. A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: reflexões na interface da psicodinâmica do trabalho e da sociologia do trabalho. *Psicologia & Sociedade*, 19 (1), 61-68. 2007. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000100009>. Acesso em: 11 maio de 2021.

MERLO, Álvaro RC. Psicodinâmica do trabalho. **Saúde mental e trabalho**: leituras, v. 4, p. 130-142, 2002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/25746>. Acesso em 11 maio de 2021.

PENA, Liliana; REMOALDO, Paula. Psicodinâmica do Trabalho: um estudo sobre o prazer e o sofrimento no trabalho docente na Universidade Óscar Ribas. **Saúde e Sociedade**, v. 28, p. 147-159, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/sausoc/2019.v28n4/147-159/pt/>. Acesso em 01 maio de 2021.

SANTAELLA, Lúcia. O corpo como sintoma da cultura. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 1, n. 2, p. 139-157, 2008. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/17>. Acesso em: 28 de maio de 2021.

SILVA, E. Introdução: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho: marcos de um percurso. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola Dejoursiana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2013 p. 13-19.

SILVA, S. E. Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho: marcos de um percurso. In:

TAYLOR, F. W. **Princípios de administração científica**. São Paulo, SP: Atlas, 1995. Disponível em: <https://cesarmangolin.files.wordpress.com/2010/02/taylor-principios-de-administracao-cientifica.pdf>. Acesso em: 01 maio de 2021.

VILELA, E. Corpos inabitáveis. Arrancaí. Filosofia e memória. In: LARROSA, J., & SKLIAR, C. (Org.) **Habitantes de babel**. Políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 233-254.

WOOD, Ellen Meiksins. Modernidade, pós-modernidade, ou capitalismo? **Discenso**, v.1, n.2, p. 37, 1998. Disponível em: <http://petdireito.ufsc.br/wp-content/uploads/2013/09/Revista-Discenso-n-02-2010.pdf#page=37>. Acesso em: 03 de jun. de 2021.